

Editorial: combates pela vida

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2021.v13.13143>

A epidemia viral nos lembra do caráter em última instância contingente e desprovido de sentido de nossas vidas. Não importa quão magníficos são os edifícios espirituais que nós, humanidade, somos capazes de produzir; uma contingência natural estúpida como um vírus ou um meteoro pode acabar com tudo de uma só vez. (ŽIŽEK, 2020, p. 27-28)

A pandemia do coronavírus assustou o mundo e produziu uma sensação de insegurança e medo em todos os continentes. Embora vivamos em um mundo globalizado, num primeiro momento, observamos que a doença foi tratada como um problema asiático que deveria ser contido pelos chineses para que não se espalhasse pelo mundo. A pandemia acirrou visões xenófobas, negacionistas e o reforçou políticas de indiferença à alteridade. Parte do mundo menosprezou os impactos, sem precedentes, que a epidemia (que se tornou pandemia) provocaria nos campos econômico, político, cultural e social. Em algumas partes do globo a doença foi tomada como uma “gripezinha” e menosprezada a ponto de provocar um contingente escabroso de mortalidade na história de países, como o Brasil, onde caminhamos para mais de 450 mil mortes.

É importante ressaltar que os problemas e as crises sanitárias relacionadas à saúde pública e às epidemias não são novidades na história da humanidade. Doenças como o ebola, o cólera, a gripe espanhola e as síndromes respiratórias mais recentes como a Sars-CoV, agente etiológico de síndrome respiratória aguda grave (sars) que foi identificado em 2002; a Mers-CoV que foi identificada em 2012, no Oriente Médio (mers) e, finalmente, a Sars-CoV-2 que é o novo coronavírus (COVID-19) que apareceu inicialmente em Wuhan, na China, no final de 2019 e se espalhou por todo o mundo. Mas, é preciso destacar que a exemplo do EUA, o Brasil, do ponto de vista estatal, deu pouca atenção à chegada do Coronavírus no país, cabendo aos profissionais de saúde e especialistas defender a ciência e apontar o perigo e os impactos do vírus para o Sistema Único de Saúde (SUS) e para perda de vidas no Brasil. Sendo necessária a instauração de uma CPI sobre a condução e atuação do Governo Federal acerca de medidas efetivas de combate à pandemia no Brasil.

Os médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem e cientistas estão na linha de frente com dupla atividade: salvar vidas e a defesa da razão e da ciência, em um contexto em que a indiferença e a irracionalidade são chamadas para a sustentação de plataformas de governo.

A primeira tarefa do médico é, portanto, política: a luta contra a doença deve começar por uma guerra contra os maus governos; o homem só será total e definitivamente curado se for primeiramente liberto: “Quem deverá, portanto, denunciar ao gênero humano os tiranos, se não os médicos que fazem do homem seu único estudo, e que todos os dias, com o pobre e o rico, com o cidadão e o mais paderoso, na choupana e nos lambris, contemplam as misérias humanas que não tem outra origem senão a tirania e a escravidão?”. Se souber ser politicamente eficaz, a medicina não será mais medicamente indispensável. (FOUCAULT, 1977, p. 37)

Para além dos médicos, os profissionais das ciências humanas e sociais também ocupam, uma função importante na investigação dessa experiência humana de luta contra a indiferença e precarização da vida, posto que a pandemia é um fenômeno inextricavelmente cultural, político e econômico e suscita narrativas que tentam dar um sentido, seja pela via da recusa ou pela urgência em inscrevê-la em uma ordem simbólica (LIFSCHITZ, 2020).

Assim, em um esforço importante de sistematização das realidades adversas enfrentadas por populações em situação de vulnerabilidade durante a pandemia, lançamos o Dossiê - “Povos Indígenas e COVID-19: Experiências indígenas frente à pandemia na América Latina”. O referido dossiê é resultado da cooperação de estudiosos argentinos, a partir de uma experiência coletiva, interdisciplinar de pesquisa, colaboração e divulgação sobre a situação de povos indígenas da Argentina e do Brasil. Os organizadores, Juan Manuel Engelman Garreta, Mariana Andrea Schmidt e Ana Carolina Hecht, são pesquisadores da área de Ciências Sociais e Antropologia com foco na temática indígena. Esses/as e outros/as pesquisadores/as nos oferecem artigos que analisam os impactos da pandemia nos territórios indígenas, perscrutando os efeitos sobre os corpos indígenas, que mesmo antes do momento pandêmico, enfrentam situações de precariedade nutricional, doenças pré-existentes e pouco apoio estatal na área de saúde. As reflexões dos autores problematizam os cenários em que as condições básicas de higienização e distanciamento social se apresentam como desafios, como por exemplo a dificuldade de acesso à água potável para lavar as mãos, condições de higiene ou ventilação nas residências, acesso aos canais de informação e / ou participação e sistemas de saúde com recursos humanos e materiais suficientes para enfrentar tais demandas das populações indígenas. Os pesquisadores evidenciaram em seus escritos que a COVID-19 revelou deficiências estruturais dos sistemas de saúde no que diz respeito ao atendimento e participação dos povos indígenas, dentre elas destacam-se: campanhas preventivas que desconsiderem as línguas indígenas, tratamento discriminatório e racista, ausência e / ou saúde intercultural, escassez de suprimentos médicos, unidades de transferência e especialistas em caráter permanente, especialmente nas áreas rurais. Para além, as visões argutas dos autores permitiram também revelar que a cultura do cuidado, o espírito coletivo, a atuação de agentes indígenas e práticas tradicionais da medicina indígena foram significativos no combate da doença.

No Brasil, por exemplo, os Kuikuro do Alto Xingu, após o investimento, com a cooperação de médicos contratados, em práticas sanitárias, distanciamento social, combate à *fake news* e defesa da vacina, descobriram que a ciência salva vidas. Para além do quadro pandêmico, os textos nos permitem ainda conhecer algumas particularidades da cultura e dos modos de vida dos povos, *qom*, *mbya guaraní*, *moqoit*, *mapuche*, *guaraní*, *tupí guaraní*, *avá guaraní*, *kolla*, *diaguita*, *diaguita-calchaquí*, *wichí*, *huarpe*, *quechua*, *aymara*, *nivaclé (chulupí)*, *tonokote*, *omaguaca*, *tastil*, *günün a kùna*,

comechingón, comechingón-camiare, oclaya, iogys, chané, tapiete, iyofwaja (chorote), sanavirón, ranquel, wehnyek, atacama, lule, quilmes, mapuche-pehuenches, tehuelches, mapuche-tehuelches, selk'nam, haush y selk'nam-haush. Por todos esses motivos, agradecemos a contribuição dos organizadores, dos autores e esperamos que os leitores desfrutem das reflexões sobre a importância da ciência em tempos de negacionismo e falta de empatia na política. Ademais, o presente número da *Albuquerque* (vol. 13, n. 25) conta com 1 (um) artigo, sobre as festas e as construções de identidades na região de Orllândia/SP, e com 3 (três) resenhas sobre as seguintes obras: *Antônio Fagundes no palco da História: um ator* (Perspectiva, 2018); *História & Outras Eróticas* (Appris, 2020); *A vida e o mundo: meio ambiente, patrimônio e museus* (Humanitas, 2020).

Por fim, gostaríamos de agradecer ao artista Eduardo Kobra (@kobrastreetart) que, gentilmente, nos concedeu a honra de usarmos a imagem *Vaccine COVID-19*, na capa desta edição de *albuquerque: revista de história*. Essa obra foi doada ao Instituto Butantã por seu trabalho científico diante da pandemia de COVID-19, especialmente na produção de vacinas. Aproveitamos o ensejo para dedicar essa edição às médicas(os), enfermeiras(os), auxiliares de enfermagem, pesquisadoras, cientistas, artistas e professoras(es), nas figuras da Dra. Margareth Dalcolmo (médica), Atila Iamarino (biólogo); Natália Pasternak (bióloga); Braunila Baniwa (Antropóloga); Felipe Cruz Tuxá (Antropólogo) e Luiz Eloy Terena (Antropólogo). Boa leitura e continuemos a nossa luta contra essa doença que se alastrou e ceifou vidas ao redor do mundo.

Aquidauana, outono de 2021.

Os editores.

Referências

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica (1963)**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2001.

LIFSCHITZ, Javier Alejandro. Pandemia: qual biopolítica? In: AUGUSTO, Cristiane Brandão; SANTOS, Rogério Dutra (org.). **Pandemias e pandemônio no Brasil**. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020. p. 77-89. Disponível em: <http://www.defesaclasse-trabalhadora.com.br/wp-content/uploads/2020/05/Pandemias-e-pandem%C3%B4nio-no-Brasil.pdf#page=77> Acesso em: 25 maio 2021.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **A vida e o mundo: meio ambiente, patrimônio e museus**. São Paulo: Humanitas, 2020.

MENEZES, Marcos Antonio de; SANTOS, Martha S.; SILVA, Robson Pereira da (org.). **História & Outras Eróticas**. Curitiba: Appris, 2020.

PATRIOTA, Rosângela. **Antônio Fagundes no palco da História: um ator**. São Paulo: Perspectiva, 2018.

ŽIŽEK, Slavoj. **Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo**. São Paulo: Boitempo, 2020.